

O TRABALHO

Órgão da Corrente O Trabalho do Partido dos Trabalhadores - Seção Brasileira da 4ª Internacional

www.otrabalho.org.br

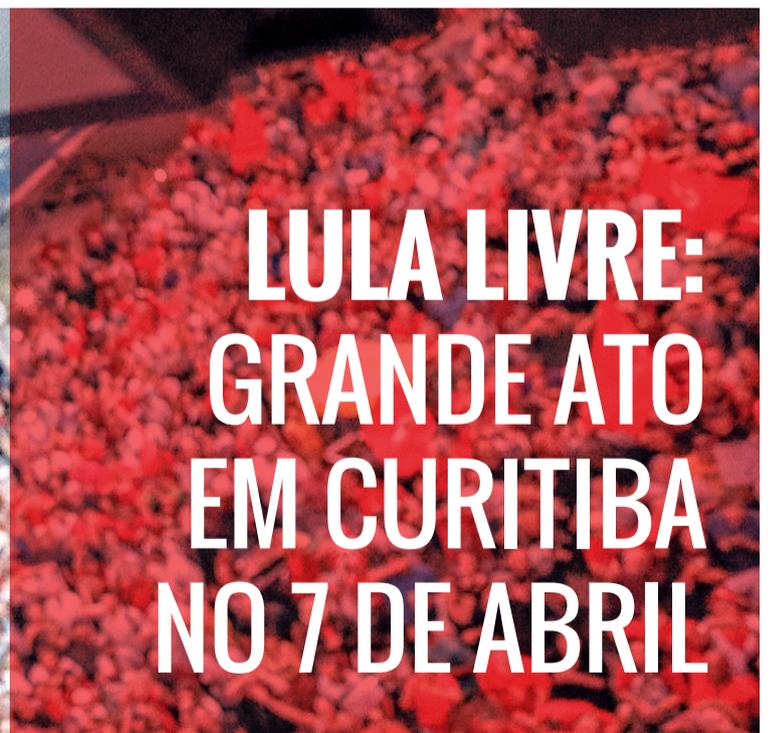
R\$ 4,00 (solidário R\$ 5,00)

nº 844 - de 28 de março a 11 de abril de 2019



Defesa da Previdência: é dada a largada!

No dia 22, em todo Brasil, um sonoro não à PEC 06



Partido

DN PT, unanimidade
contra PEC 06/2019
pág. 4

Lava Jato

Líder do PT mostra provas do
golpe tentado pelos promotores
pág. 8

Visita aos EUA

Bolsonaro, o lambe-
botas de Trump
pág. 9

Argélia

O povo decidido a tomar
seu destino em suas mãos
pág. 11

UNE convoca seu 57º Congresso

No centro a defesa dos direitos estudantis, barrar a reforma e liberdade pra Lula

O Conselho de Entidades Gerais, realizado 22-23 de março, convocou o 57º Congresso da UNE (Conune) para mês de junho. Sua preparação acontecerá quando se esquentam os motores da luta para derrotar Reforma da Previdência. É um cenário que exige maior presença nas bases para defender os direitos estudantis e na luta pela democracia.

A primeira atividade do Coneg foi o ato convocado pela CUT e demais centrais contra a Reforma da Previdência dia 22 na Avenida paulista.

A resolução aprovada enfatiza que a UNE estará junto com trabalhadores para derrotar esse projeto nefasto. Será necessário debater e mobilizar, conectando reivindicações locais com essa que é a principal tarefa agora.

Liberdade pra Lula já!

Foi aprovada nas resoluções e na carta final do Coneg, mas não sem

dificuldades. Isso porque a juventude do PPL, agora coligado a UJS em função da fusão do PPL com PCdoB, tentou vetar argumentando que a “campanha não concentra hoje a defesa da democracia”, além de defender a prisão depois de condenação em segunda instância. Lamentável foi a UJS ceder àqueles que defendem, junto com judiciário de Moro e cia, Lula preso. Coube a JPT, em particular a Juventude Revolução do PT, bancar até o fim Lula livre e garantir no calendário da entidade o 7 de abril quando faz um ano da prisão ilegal.

Luta pelos direitos estudantis

A resolução de educação aprovada defende a universidade pública, autonomia universitária, verbas para assistência estudantil, não aumento das mensalidades, entre outros. Agora, mais que nunca, é necessário intensificar mobilizações e ampliar a

participação estudantil na resistência pelos direitos e a democracia. Por isso, é um paradoxo a defesa da UJS na plenária final de “frente ampla com o PSDB”, justamente por defenderem a destruição da aposentadoria, a cobrança de mensalidades nas públicas e outros ataques que ameaçam a própria existência da UNE!

Une é pra lutar!

Convocado o congresso é momento de fazer um balanço da gestão para encarar os desafios. Para dar conta da tarefa é preciso estar mais presente no cotidiano das faculdades e universidades, na defesa intransigente dos direitos e da democracia. É o caminho para

armar os estudantes na defesa da própria UNE, ameaçada de CPI pela base de Bolsonaro no Congresso.

A tese UNE é Prá Lutar, animada pela Juventude Revolução do PT, fará debates amplos no próximo período. É hora de resistir em defesa da gratuidade do ensino e da aposentadoria, por mais verbas e bolsas e retomar FIES. É a luta que alimenta a defesa da democracia com Lula livre. É o que a JPT, que realizará seu encontro de estudantes em 5 de abril, pode e deve fazer para encabeçar as principais lutas do Movimento Estudantil brasileiro.

Hélio Barreto

Mais Educação, menos armas

Massacre em Suzano traz à tona reais necessidades das escolas

“Nada mais vai ser a mesma coisa” disse aluna no retorno às aulas na Escola Raul Brasil, em Suzano-SP, onde ocorreu um massacre em 13 de março com 10 mortos no total. O atentado é chocante e revela a realidade crua dos verdadeiros problemas da educação brasileira que não serão resolvidos incentivando mais violência.

“Falta segurança em todas elas”

O crime de Suzano é a ponta do iceberg de um sistema que tenta desmontar as instituições de ensino. A situação é grave e atinge o conjunto das escolas, como disse um jovem que sobreviveu “falta segurança em todas elas”. Os problemas vão desde falta estrutura, merendas, precárias condições de trabalho dos professores, até ausência de segurança e de políticas públicas nas comunidades. Atualmente, mais de 10 milhões de crianças e adolescentes estão excluídos ou em atraso escolar (PNAD) e em 2018 houve redução de matrículas na educação básica. Os investimentos, vitais para escolas, caiu 18% em termos reais de 2015 a 2017, prejudicando estados e municípios.

Governo mira a educação

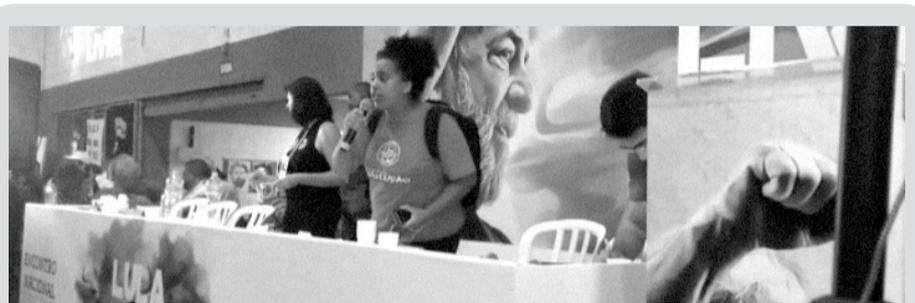
O massacre ocorre quando o maior incentivador da violência é

o presidente e sua corja de ministros. Para o governo é preciso mais armas, por isso flexibilizou a posse. O ministro da educação que pediu filmagens nas escolas e quer a volta do obscurantismo bloqueando acesso ao conteúdo científico, declarou que “estuda viabilidade do modelo cívico-militar na escola (em Suzano)”. Ora, é o contrário do que deveria se fazer, a escola precisa de mais verbas, não de coturnos! Verbas estas que o governo pretende reduzir ainda mais com envio de uma PEC que elimina a obrigatoriedade constitucional de investimento mínimo na educação.

“Tem que ser forte e resistir”

Na porta da escola em Suzano um grupo de professores denunciou essa tragédia anunciada. A solidariedade expressa por diversas entidades de trabalhadores e jovens, como a Juventude do PT, deve virar resistência. É a mensagem que fica das palavras de quem sobreviveu desse atentado: “a gente tem que ser forte e resistir a isso”. Exatamente! O caminho é defender com unhas e dentes o ensino público e a vida dos jovens, porque o que realmente precisam é de mais educação e menos armas.

Paulo Vilela



A Juventude Revolução do PT se fez presente no Encontro Nacional Lula Livre, em 16 de março. Na foto, Dani, militante de Santa Catarina que tomou a palavra na atividade em nome da JR do PT.

BOLSONARO FUGIU



Alunos da Universidade Mackenzie em São Paulo protestam contra anúncio de visita de Bolsonaro à instituição, neste dia 27. Com protestos programados durante todo o dia, Bolsonaro cancelou a visita.

MEC NOTA ZERO

Em três meses de governo e a crise no Ministério da Educação (MEC) transborda do esgoto do governo. Só na secretaria executiva, pasta nº 2, já passaram 3 candidatos, sem falar de tantas outras exonerações. O último a dançar foi o presidente do Instituto de Pesquisas Aplicadas (INEP) que havia adiado para 2021 a avaliação da alfabetização de crianças. Agora, nem o ministro está autorizado a nomear.

A briga entre “olavetes” (seguidores de Olavo de Carvalho) e militares paralisa a pasta e só prejudica o ensino público que necessita de recursos do ministério. Mais de 10 milhões de livros não foram entregues no início das aulas, programas atrasam e verbas ficam emperradas. O ministro Ricardo Vélez comete ilegalidades, no caso das filmagens nas escolas, e vomita ameaças com Lava jato da educação, defende Lei da mordaza e cobrança de mensalidades. A crise não esconde a ameaça obscurantista e a intenção de “desconstruir” e, só agrava os problemas concretos da educação como falta de estrutura, carência de verbas, bolsas, salários, etc. Que a resistência bote esse retrocesso pra correr. Nota ZERO ao Mec!

É possível vencer!

Enquanto Bolsonaro trafegava entre Estados Unidos e o Chile, para selar a entrega do país aos interesses imperialistas; enquanto dentro do governo e das instituições o que se vê é uma crise atrás da outra; enquanto a gangue que assaltou o Planalto na eleição forjada para impedir a vitória do PT bate boca por Twitter; enquanto até o PSL de Bolsonaro puxa seu tapete e impõe uma derrota no Congresso como no dia 26, na votação sobre o Orçamento; enquanto ministros estão num “cai não cai” e os ministérios paralisados, como o da Educação; enquanto tudo isso ocorre, uma janela se abriu.

No dia 22 de março, a classe trabalhadora, através de seus sindicatos, e agrupando setores populares e da juventude, entrou em cena de maneira organizada.

As ruas do país voltaram a ser ocupadas por manifestações em defesa dos direitos e da democracia. “Não mexam na Previdência” e “Lula Livre”, era o que se exigia nas falas, faixas e gritos dos manifestantes.

Foi o dia nacional de luta chamado pelas centrais sindicais contra a proposta de Bolsonaro de destruição da Previdência.

A grande mídia, fingiu que não viu os 70 mil na Av. Paulista, os 30 mil em Fortaleza, as paralisações parciais ou as assembleias de

trabalhadores que ocorreram neste dia, e que reportamos nas páginas 6 e 7.

A janela aberta pode abrir a porta para que a força organizada da classe trabalhadora avance e seja capaz de criar as condições para uma greve geral que enterre o confisco do direito à aposentadoria e todos os benefícios previdenciários conquistados.

OS TRABALHADORES SE APOIAM NAS SUAS ORGANIZAÇÕES

Contribui, e muito, para isso, a decisão do Diretório do PT de colocar no centro do combate no próximo período, a derrota da PEC 06/2019 e a massificação da campanha por Lula Livre (ver pag. 4).

Bolsonaro foi aos EUA para entregar o país e bater continência a Trump, como bateram continência ao imperialismo as classes dominantes, com os militares, ao dar o golpe em 1964, instalando a ditadura militar no país.

O ex-capitão volta da viagem orientando as Forças Armadas a comemorarem, no dia 31 de março, os 55 anos do golpe militar, que impôs uma derrota à classe trabalhadora e a todas as camadas oprimidas.

Pequena grande diferença: apesar da derrota nas eleições de 2018, a classe operária não está derrotada, e conta com suas organizações – o PT e a CUT em primeiro lugar, nascidos da luta que derrubou a ditadura militar – para resistir. E é nestas organizações, não tenhamos dúvida, que os oprimidos que ludibriados votaram em Bolsonaro, irão se apoiar para defender seus direitos. Não há mídia, não há rede social que se sobreponha à confiança na luta quando os trabalhadores podem dispor de suas organizações.

Amadurecem as condições. Sim é possível vencer, é por isso que o dólar sobe e a Bolsa cai. O capital financeiro sentiu a lufada do dia 22, e desconfia cada vez mais da capacidade deste governo. É possível vencer, mas com muita luta e firmeza. Afinal o aparato militar e judicial que sustenta Bolsonaro não vai assistir a tudo passivamente. Mas, quando o povo da Argélia põe em cheque um regime que impera há décadas, contra seus interesses (ver pag. 11), a classe trabalhadora brasileira, com a CUT e o PT ao seu lado, poder derrotar a reforma da Previdência e impedir que se consolide um o “regime autoritário e socialmente reacionário” - como diz a resolução do PT - que se pretende instalar no Brasil.

IBOPE

No dia 20/3 o IBOPE publicou pesquisa realizada entre 16 e 19 de março em que registrou uma queda de 15 pontos percentuais na avaliação positiva do governo desde janeiro. Mais relevante, a pesquisa mostra que a avaliação negativa de Bolsonaro é mais acentuada nas cidades com mais de 500 mil habitantes.

“A PREVIDÊNCIA É O CARRO-CHEFE”

No mesmo dia (20) Bolsonaro publicou artigo no jornal “Valor Econômico” onde afirma que a reforma da Previdência é o “carro-chefe” e o “centro de gravidade” de seu governo. De fato, como afirmamos na última edição, derrotar a reforma é chave para “abrir a porta e forjar uma nova correlação de forças”.

QUEDA DE BRAÇO

Rodrigo Maia, presidente da Câmara dos Deputados, e Bolsonaro tem trocaram insultos e acusações em uma queda de braço em torno da articulação pela aprovação da nefasta reforma da Previdência. O jornal “O Estado de S. Paulo” publicou que Maia teria telefonado para Paulo Guedes avisado que ele deixaria a articulação para aprovar a reforma. Maia estava irritado com os ataques dos filhos do presidente nas redes sociais. Bolsonaro, desde o Chile, respondeu que “A bola agora está com o Parlamento”. Maia retrucou que ele deveria se preocupar menos com o Twitter e mais com a reforma. A troca de farpas se estendeu pelo final de semana. Na segunda-feira (25) os jornais noticiaram que Bolsonaro, de volta ao Brasil, reuniu-se com seus ministros mais próximos e teria falado que agora “o foco é pacificação” com o congresso para fazer passar a reforma.



Av. Paulista, São Paulo, 22 de março: manifestante lê o dossiê publicado na edição 843 de O Trabalho, sobre o projeto de destruição da Previdência

Memória

GREVE DE PROFESSORES NO RJ CONQUISTA REIVINDICAÇÕES

Após duas semanas em greve, os professores fluminenses deliberaram no dia 25 de março a volta ao trabalho, depois de um movimento vitorioso. Um grande número de reivindicações foram atendidas, destacando-se: piso salarial de Cr\$ 8.986,00 para os professores primários (...). O sucesso dessa greve deveu-se fundamentalmente à organização independente que os professores utilizaram – uma Coordenação Geral composta pela diretoria da SEP (Sociedade Estadual de Professores) e por representantes dos núcleos zonais e dos municípios do interior. Frente ao descaso e ao imobilismo de suas associações, os professores trataram de fundar a SEP (antecessora do atual Sepe – Ndr) como entidade de classe sem vínculos com o Estado.

O Trabalho nº 20 – 3/4/1979



Quem somos

O jornal O TRABALHO é o órgão da Corrente O Trabalho do PT, seção brasileira da 4ª Internacional. Sua edição nº 0 foi lançada em 1º de maio de 1978, em plena ditadura militar. Um jornal a serviço da luta dos trabalhadores, no Brasil e no mundo, ele se mantém fiel desde então à luta pelo fim do capitalismo, pela emancipação dos trabalhadores que será obra dos próprios trabalhadores. Em toda sua história, manteve o compromisso assumido em 1º de maio de 1978: “um jornal independente dos patrões, de seus partidos e governo”. É por isso que ele se sustenta, exclusivamente, pela venda junto aos trabalhadores e jovens, os nossos leitores. Ele é vendido de mão em mão ou por assinaturas e toda arrecadação é para manter o próprio jornal.

Site: www.otrabalho.org.br

Diagramação: Mariana Waechter

Facebook: www.facebook.com/jornalotrabalho

DN-PT avança na luta contra o Bolsonaro

7º Congresso convocado com retrocesso organizativo

A boa notícia é que a direção do PT unânime, reunida 22 e 23 de março em Brasília, decidiu, inclusive setores antes a favor de negociar com Bolsonaro, votar contra a PEC da Nova Previdência e o PL da previdência dos militares.

A decisão foi construída no debate interno, com um Seminário da executiva com as bancadas, governadores, sindicatos e especialistas.

Restam divergências, mas o decisivo é o texto que “fecha questão” (abaixo) permitir a unidade do PT. As poucas emendas adotadas na reunião - algumas de membros do Diálogo e Ação Petista (DAP) -, também foram unânimes.

É preciso unidade para derrotar esse projeto que, por outro lado, é vital para Bolsonaro chegar ao novo regime “autoritário e socialmente reacionário”, como explica a Resolução, do qual novas relações de trabalho seriam o pilar.

Importante, a decisão do Diretório Nacional (DN) não é retórica, a resolução de “Campanha” (mais abaixo), liga o combate à reforma com a luta pelo Lula Livre numa agenda detalhada.



A presidente do PT, Gleisi Hoffmann, na reunião do Diretório Nacional

Passo atrás

A reunião do DN coincidiu com a jornada de 22 de março (v. págs. 6 e 7). Sem dúvida, a força nas ruas que surpreendeu os sindicalistas, influenciou os dirigentes do PT, pelos mil canais que os ligam aos trabalhadores.

A mesma coisa não podia acontecer igual no debate do 7º Congresso.

Um impasse se arrastava desde novembro. Para sair dele, numa situação política que pede unidade, as forças do DN convieram adiar outra vez o Plebiscito tirado no 6º Congresso sobre a forma de eleição de direções - uma (PED) como quer o CNB, ou encontro de delegados como preferem outras correntes e o DAP.

Um acordo razoável era repetir a experiência híbrida do 6º Congresso: PED elege Diretórios Municipais (DMs)

e delegados estaduais, e estes elege Diretórios Regionais (DRs) e delegados nacionais, os quais elege o DN. Neste ponto, o bloco do antigo Muda PT (Resistência, DS, NR, AE etc.) que fizera manifesto, boletim e plenárias de pressão, recuou da eleição dos delegados nacionais nos encontros estaduais - todos serão eleitos no dia do PED municipal. Justificar que o recuo “garante o 7º Congresso ameaçado até a véspera”, é extemporâneo, risível.

“A discussão praticamente se encerrará no dia do PED municipal. Com todos delegados já eleitos, sobra contar garrafinhas, com a discussão transferida para as cúpulas que montam chapas e teses. Aos militantes resta votar. Como há 15 anos. É um passo atrás ao 6º Congresso”, disse Markus Sokol. A eleição dos delegados nacionais pelo encontro estadual teve 13 votos (Movimento PT e DAP).

João Alfredo Luna

CALENDÁRIO DO 7º CONGRESSO DO PT

- **Adiado** para 2021 o Plebiscito interno sobre a forma de eleição dos diretórios
- **Junho de 2019**, dia 8: Prazo de filiação para participar do processo, para votar e ser votado
- **Setembro**, dia 8: PED municipal para eleger os DMs, junto com votação de chapa de delegados estaduais e chapa de delegados nacionais (cidades com Comissão Provisória só elege DMs)
- **Outubro**, dias 19 e 20: Encontro de delegados estaduais elege os DRs (etapa estadual do 7º Congresso)
- **Novembro**, 22, 23 e 24: Encontro de delegados nacionais para eleger o DN (etapa nacional do 7º Congresso)

“CAMPANHA NACIONAL DE LUTAS CONTRA A REFORMA DA PREVIDÊNCIA E LULA LIVRE”

Ato e caravanas dia 7 de abril em Curitiba são o grande compromisso

Recomendamos aos DRs e DMs (resumo):

- Lançar abaixo assinado contra a Reforma da Previdência (www.pt.org.br/assine-e-compartilhe-o-abaixo-assinado-contra-a-reforma-da-previdencia)
- Promover aulas públicas
- Realizar audiências públicas em todas as casas legislativas e pautar a votação de moções;
- Nos sábados de março a maio, andar pelos bairros “de casa em casa contra a Reforma” e “Justiça para Lula”
- Impulsionar a organização de Comitês Estaduais Lula Livre
- Dia 7 de abril, reforçar o Ato Nacional da Jornada Lula Livre, em Curitiba.
- Atos da Jornada Lula Livre em todos municípios onde for possível.
- O PT realizará caravanas Lula Livre com Haddad contra a reforma. Nos dias 5, 6 e 7 em Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba.
- Dia 20 de abril, sábado de Aleluia, panfletar nas portas das igrejas
- Dia 27 de abril, carreatas nas estradas e panfletagem nos postos dialogando com os caminhoneiros
- Dia 1º maio, dia nacional contra a Reforma da Previdência. Um grande ato em cada capital
- Dia 8 de maio “buzinação” contra a Reforma e Justiça para Lula. As 18h, nas capitais, vamos apertar as buzinas
- Dia 13 de maio, ações nas cidades base eleitoral de deputados favoráveis ou que ainda não decidiram votar contra

Vamos entregar o abaixo assinado contra a Reforma ao presidente da Câmara no final de maio.

“NÃO A REFORMA DA PREVIDÊNCIA” RESOLUÇÃO DO DN-PT (TRECHOS)

“Relação de trabalho regressiva num novo regime autoritário e reacionário”

“Aproveitando-se de uma situação conjuntural – queda da arrecadação e de manutenção das despesas previdenciárias e assistenciais – o governo procura passar uma idéia de colapso fiscal na seguridade social. Para resolver, propõe uma brutal Reforma de Previdência com a desvinculação dos benefícios do salário mínimo. O projeto da Nova Previdência é o cartão de apresentação de um governo que, além de atacar nossa soberania, destrói os direitos duramente conquistados nas lutas dos trabalhadores durante décadas, no intuito de criar uma nova relação de trabalho regressiva, no molde de novas instituições em um regime politicamente autoritário e socialmente reacionário. O principal objetivo da PEC 6/2019 é ‘desconstitucionalizar’ as regras da Previdência.”

Após esmiuçar e desmontar os pontos da PEC, a Resolução denuncia: “Qualquer equilíbrio a ser buscado no Sistema de Seguridade deve enfrentar as isenções fiscais de R\$ 300 bilhões anuais, a sonegação de R\$ 500 bilhões/ano, a dívida dos patrões com o INSS de mais de R\$ 300 bilhões e as distorções nas remunerações e super pensões em algumas carreiras públicas.”

Quanto aos Estados, afirma:

“O papel do governo federal deve ser o de criar um Fundo de transição que dê suporte aos estados, ao invés de jogar o custo desse processo nas costas dos governadores, prefeitos e servidores públicos da ativa”.

E conclui:

“O PT compreende que a PEC 06/2019 é a destruição do Sistema de Proteção Social e da Previdência pública. O PT tem compromisso com o povo, por isso conclama sua militância a se somar ao conjunto dos trabalhadores, aos sindicatos país afora, aos movimentos sociais e populares, às Frentes Brasil Popular e Povo Sem Medo, bem como aos partidos do campo democrático para debater e esclarecer a sociedade esta proposta danosa.

Por fim, o PT fecha questão e orienta suas bancadas na Câmara e no Senado para que não meçam esforços para derrotar os projetos do governo representados na PEC 06/2019, e no PL 1645/2019 que amplia ainda mais as distorções entre os militares.

Não à Reforma da Previdência! Lula Livre!”

LULA LIVRE, EM DEFESA DOS DIREITOS

“Vamos lutar pela liberdade de Lula, contra a reforma da Previdência...” Gleisi Hoffmann

Mais de 800 militantes de todo o país, representando diretórios do PT, outros partidos de esquerda, entidades sindicais, movimentos populares e de juventude, participaram dia 16 de março, em São Paulo, do Encontro Nacional Lula Livre, que deflagrou a campanha nacional. Vários oradores destacaram a estreita ligação entre essa reivindicação e a defesa dos direitos dos trabalhadores e da Nação, ameaçados pelo mercado financeiro e pelo governo Bolsonaro.

Agora, é botar de pé as decisões, alimentar os comitês que já existem, criar outros em todas as cidades, levar a campanha às ruas, com a luta em defesa da Previdência. No calendário, destaque para os atos em todo o país em 7 de abril, quando se completará um ano da prisão de Lula.

Uma caravana pelos estados do Sul, que começa dia 5 em Porto Alegre, liderada pela presidente nacional do PT, Gleisi Hoffmann, e por Fernando Haddad, terminará em Curitiba, no próprio dia 7, com um grande ato. Estão sendo organizadas delegações dos estados mais próximos, como São Paulo, para engrossar o ato de Curitiba.

Em seu discurso no Encontro Gleisi Hoffmann foi enfática: “Presidente Lula, essa caminhada nós vamos fazer juntos. Vamos ocupar as ruas de todo o Brasil e lutar pela soberania, pela liberdade de Lula, contra a reforma da previdência, pela democracia”.



Encontro nacional reforça a campanha Lula Livre, no plenário, DAP presente

DAP presente

O Diálogo e Ação Petista esteve presente com militantes de vários estados que portavam pirulitos e faixas relacionando a luta por Lula Livre com a defesa da Previdência.

O deputado estadual do PT-MG, Betão foi escolhido para falar em nome do DAP. Ele representou também a bancada do partido naquele estado.

Depois de relatar o que seu mandato, na Zona da Mata Mineira, organiza banquinhas nas ruas pra dialogar com a população e colher assinaturas contra a PEC 06/2019 (de destruição da Previdência), Betão apresentou a questão central: “Não podemos dissociar de Lula Livre a questão dos direitos dos trabalhadores. (...) Experimentem colocar uma banquinha sobre a reforma da Previdência e fazer junto a discussão sobre a liberdade de Lula!”

Lula: “os verdadeiros ladrões são os que me condenaram”

Lula enviou uma carta ao Encontro, agradecendo a solidariedade que tem recebido no Brasil e no exterior e reafirmando sua disposição de continuar na luta.

“A força que me faz resistir a essa provação vem de vocês e da convicção de que sou inocente. Mas resisto principalmente porque sei que ainda tenho



Na tribuna, deputado Betão (MG) fala em nome do DAP

uma missão importante a cumprir neste momento em que a democracia, a soberania nacional e os direitos do povo brasileiro são ameaçados por interesses econômicos e políticos poderosos, inclusive de potências estrangeiras’, diz Lula na carta.

Lula esclarece os motivos de sua prisão: “A cada dia que passa fica mais claro para a população e para a opinião pública internacional que fui condenado e preso pelo único motivo de que, livre e candidato, seria eleito presidente pela grande maioria da população. Minha candidatura era a resposta do povo ao entreguismo, ao abandono dos programas sociais, ao desemprego, à volta da fome, a todo o mal implantado pelo golpe do impeachment. É uma luta que temos de levar juntos, em nome de todos.”

Na carta Lula lembra que no velório de seu neto Arthur, “prometi a ele que não vou descansar até que minha inocência seja reconhecida num julgamento justo. Na emoção daquele momento, recordo-me de ter dito: ‘Vou te mostrar que os verdadeiros ladrões são os que me condenaram’. Pouco depois, o jornalista Luís Nassif revelou ao público o acordo ilegal e secreto entre os procuradores da Lava Jato, a 13ª Vara Federal de Curitiba, o governo dos Estados Unidos e a Petrobras, envolvendo uma quantia de 2,5 bilhões de reais. Em troca dessa fortuna, a Lava Jato se comprometeu a entregar ao estrangeiro os segredos e informações estratégicas da nossa Petrobras”.

DAP AMPLIA ORGANIZAÇÃO EM MINAS GERAIS

O encontro estadual do Diálogo e Ação Petista em Minas Gerais, realizado em 23 de fevereiro, já está tendo frutos. Daquele encontro, participaram militantes de 15 cidades de quatro regiões do estado e foi eleita uma coordenação estadual.

Menos de um mês depois, no dia 16 de março, os membros da coordenação Ivo José, Joãozinho e Sumara participaram de reuniões em Timóteo (Vale do Aço) e Governador Valadares (Vale do Rio Doce) para apresentar o DAP, debater a situação política (principalmente a luta em defesa da Previdência e a exigência da liberdade de Lula) e a organização do PT, que está sem diretórios formados em muitas cidades dessas duas regiões. As reuniões tiveram caráter regional e agruparam no total 51 militantes de 21 cidades.

Em Governador Valadares, com a presença de 23 militantes de 10 cidades da região, a reunião foi aberta pelo companheiro Gilson Boy, também da coordenação estadual, e o debate foi muito rico, com quase todos os participantes fazendo uso da palavra. Houve falas defendendo a necessidade de o PT fazer autocrítica de sua atuação, como condição para a plena reconstrução do partido; houve relatos de que a fome já está batendo nas casas. Registrou-se um consenso em torno da necessidade de se combater a contrarreforma da Previdência e impulsionar a campanha Lula Livre.

Por fim, foi formada uma comissão para discutir a reorganização do PT na região e organizar as lutas.

Em Timóteo, com 28 companheiros de 11 cidades da região, a reunião



Reunião em Governador Valadares, reforço da luta e da organização do DAP

ocorreu na sede municipal do PT (“sede própria”, como destacaram os militantes da cidade, com orgulho).

Com a participação do companheiro Jardel, que também está na coordenação estadual do DAP, foi feita uma discussão muito intensa, com companheiros destacando os problemas do partido

na região, mas também demonstrando que há iniciativas bastante positivas de mobilização. Preparando a luta contra a PEC 06/2019, já está convocada uma reunião chamada de “Frente contra a Reforma da Previdência”, que pretende juntar pastores, padres, sindicatos, movimentos de comunidades e partidos.

A classe trabalhadora entrou em cena

O governo Bolsonaro ainda não tinha três meses e os trabalhadores de todo o país já

Cerca de 70 mil manifestantes na Avenida Paulista em São Paulo, dezenas de milhares em Fortaleza, Recife, Campo Grande, Salvador, outros milhares em Belo Horizonte, Porto Alegre, Rio de Janeiro, enfim, em todas as capitais. Passeatas, atos públicos e paralisações de algumas categorias, com destaque para os professores do ensino médio a chamado da CNTE/CUT, ocorreram em 126 cidades e não faltou o “Lula Livre” em faixas, cartazes e intervenções de dirigentes sindicais, de partidos políticos e movimentos populares.

O 22 de março foi, até o momento, a maior manifestação contra a política do governo Bolsonaro, marcada pela determinação dos trabalhadores em barrar os ataques aos seus direitos, sintetizada na palavra de ordem: “Tirem as mãos da nossa Previdência”.

Foram superadas as expectativas das direções das centrais sindicais que convocaram a mobilização como um “esquenta” para a greve geral. Reunidos em 26 de março, dirigentes das centrais apontaram para a realização de grandes atos unificados de 1º de Maio tendo como questão central a defesa da Previdência.

Um abaixo-assinado de massa será lançado pelas centrais em 3 de abril em São Paulo (Praça Ramos), exigindo dos parlamentares o voto contra a PEC 06, como instrumento de diálogo com o povo trabalhador, reforçando outras iniciativas do mesmo tipo já tomadas por organizações sindicais, mandatos parlamentares e pelo PT.

É possível ganhar a batalha e vamos ganhá-la

A entrada em cena da classe tra-

balhadora ocorre num momento em que conflitos dentro do governo e entre as forças reacionárias que o apoiam vem à tona, deixando “nervoso” o principal interessado em pilhar a aposentadoria e os direitos previdenciários dos trabalhadores que é o “mercado”, vale dizer os banqueiros, especuladores e capitalistas.

O sentimento ao final dos grandes atos da jornada de 22 de março era de que é possível ganhar essa batalha da Previdência, dada a disposição de luta demonstrada pela classe trabalhadora. Para ganhar é necessário continuar desmascarando as mentiras da grande mídia – que buscou esconder as mobilizações – de que a “reforma” é essencial para que a economia deslanche, é preciso intensificar o diálogo com o povo trabalhador e preparar a greve geral.

Mesmo sofrendo as consequências

da contrarreforma trabalhista de Temer – com a precarização das condições de trabalho – e da tentativa de asfixia econômica da MP 873 e de um decreto presidencial que proíbem o desconto em folha das taxas e até mesmo das mensalidades dos sócios, os sindicatos jogaram um papel central em 22 de março, contando com o apoio de movimentos populares, partidos e do movimento estudantil. Está claro que a última palavra será dada pela classe trabalhadora e que todos juntos podemos derrotar a maldada “reforma” da Previdência de Bolsonaro.

Como disse o presidente da CUT, Vagner Freitas, no ato de São Paulo: “Se colocar para votar a reforma da Previdência, nós vamos fazer a maior greve geral da história deste país”.

Julio Turra

De norte a sul do Brasil

Nossos correspondentes registraram mobilizações ocorridas na jornada de 22 de março pelo país

No Ceará houve grandes mobilizações

Em Fortaleza, cerca de 30 mil manifestantes, segundo a CUT, marcharam da Praça da Imprensa, onde fica a sede da Rede Globo, até a agência do INSS da Aldeota. O ato reuniu as centrais sindicais, com destaque para a CUT e seus sindicatos, além das Frentes Brasil Popular e Povo sem Medo. A coluna do DAP destacou a unidade entre a luta em defesa das aposentadorias e o combate pela liberdade de Lula, com faixa e pirulitos. As falas de dirigentes e parlamentares foi a de derrotar a PEC 06 e que nela nada há para se negociar.

Importantes paralisações dos professores estaduais e municipais de Fortaleza e Caucaia e dos trabalhadores da construção civil marcaram a data, além

de paralisações parciais em outros setores, como as universidades estaduais.

No Vale do Jaguaribe, o ato de Morada Nova reuniu manifestantes de 10 municípios. Dirigido pela CUT regional, incluiu uma passeata até a sede do INSS, que teve seu expediente paralisado. Também houve a paralisação dos professores estaduais e do campus da UECE de Limoeiro do Norte. Servidores municipais também pararam, como em Tabuleiro do Norte.

Mais de 20 cidades participaram no RS

No Rio Grande do Sul houve assembleias nas fábricas da Marcopolo e Fras-Le em Caxias do Sul, pautando a reforma da previdência. Em Pelotas houve grande participação de estudantes e ainda ocorreram atos em mais de 20 cidades.

No ato unificado das centrais sindicais em Porto Alegre, participaram cerca de 5 mil pessoas, a grande maioria de trabalhadores levados pelos sindicatos. As falas de representantes do PT e da CUT foram impactadas pelo “trompetista” que estava em Porto Alegre para o bloco carnavalesco “Ai que saudade do meu ex” e puxou o “Lula Livre”, ausente até então dos discursos.

Do Vale dos Sinos



Em Belo Horizonte, mais de 5 mil nas ruas

(São Leopoldo, Novo Hamburgo e outras cidades), onde houve mobilizações ao longo do dia, saíram delegações para o ato na capital, com a presença de militantes do DAP com pirulitos de “Lula Livre” e contra a reforma da Previdência.

Minas, da capital ao interior

Ocorreram manifestações em Belo Horizonte, Juiz de Fora, Timóteo, Governador Valadares, Uberlândia, Ouro Branco, Ipatinga, Montes Claros e outras cidades do interior.

Paralisações parciais foram organizadas pelo sindicato dos professores do estado (SindUTE) e na rede municipal de Juiz de Fora (Sinpro/JF).

Os maiores atos ocorreram em BH, onde os manifestantes se reuniram na Praça Sete, e em Juiz de Fora, concentração na Praça da Estação e passeata pela Rua Halfeld, cada um deles reunindo mais de 5 mil pessoas. Tanto nas falas dos dirigentes, quanto em faixas e cartazes, foi feita a relação da luta em defesa dos direitos

e contra o desmanche da Previdência com a luta por Lula Livre.

Mais de 10 mil saem em passeata em Salvador

Em Salvador, antecedendo a passeata que juntou mais de 10 mil pessoas, com presença do DAP e da Juventude Revolução, houve paralisações de professores da rede básica, das universidades estaduais e também dos rodoviários.

Em Feira de Santana mais de mil manifestantes ocuparam as ruas da cidade para derrotar a reforma de Bolsonaro. O DAP participou ativamente, comparecendo com pirulitos contra a reforma da Previdência e por Lula livre.

Ocorreram atos também em Vitória da Conquista, Santo Antônio de Jesus, Cruz das Almas e Amargosa, onde a APUR, sindicato de professores da UFRB, com outros sindicatos e partidos, realizou debate na praça para esclarecer a população dos ataques contra a Previdência.

(segue na pág. ao lado)



Na capital cearense mais de 30 mil manifestantes

saíram em 22 de março, rumo à Greve Geral

saíram às ruas no Dia Nacional de Luta em defesa da Previdência pública e solidária

Operários do ABC paulista votam greve geral

Desde as 6 horas da manhã os operários da Ford, que lutam pela preservação de seus empregos diante do anúncio da multinacional de fechamento de sua unidade em São Bernardo do Campo, começaram a aglutinar-se diante do carro de som do sindicato dos metalúrgicos do ABC na entrada da fábrica,



Wagner, presidente dos Metalúrgicos do ABC no ato em São Bernardo

recebendo outros trabalhadores e dirigentes das centrais sindicais.

Na Mercedes Benz os operários também se reuniram e saíram em direção à Ford, de onde saiu uma grande passeata em direção ao Largo de Rudge Ramos, onde tomaram a palavra os representantes das centrais sindicais.

Julio Turra, em nome da CUT, disse: "Tirem as mãos da nossa previdência. Essa é a palavra de ordem que nos unifica", agregando que "para a CUT não há outra prioridade que não seja derrotar a PEC 06",

encerrando sua fala com "Lula Livre".

Wagner Santana, presidente do sindicato dos metalúrgicos do ABC, encerrou o ato colocando em votação a greve geral, que foi aprovada com entusiasmo: "Na hora que a CUT e as demais centrais convocarem uma greve geral contra a reforma da Previdência de Bolsonaro nós estaremos juntos, e vamos parar, não só a Ford e a Mercedes-Benz, como hoje, mas sim todas as fábricas da região para dizer que não vamos aceitar qualquer medida que retire direitos da classe trabalhadora".

Militares: o meu pirão primeiro!

O governo mandou para a Câmara dos Deputados em 20 de março a proposta de aposentadoria dos militares, a qual inclui uma "reestruturação da carreira" que garante generosos aumentos, sobretudo para os oficiais.

Pela proposta, os salários de generais, almirantes tenentes-brigadeiros (R\$ 22.631,28 com gratificações), subiriam para R\$ 30.175,04 (33,33%), quase igual ao que ganha o presidente da República (R\$ 30.934).

O maior aumento previsto é do adicional de habilitação, que vai subir de 30% para 73%. O adicional de gratificação que militares de alta patente já recebem vai continuar com 10%. Além disso, se prevê a criação do adicional de disponibilidade militar, que será de 41%. Todos esses percentuais incidem sobre o salário-base, o soldo, que varia de R\$ 14.031 a R\$ 12.490 entre os maiores postos das Forças Armadas.

O "sacrifício" exigido em contrapartida a esses aumentos é muito menor do que o que se quer arrancar dos trabalhadores dos setores público e

privado: aumento da alíquota previdenciária de 7,5% para 10,5% gradual até 2022 e aumento do tempo de atividade de 30 para 35 anos para os novos militares. Quem está na ativa pagará um "pedágio" de 17% sobre o tempo que falta hoje para a reserva.

Só para comparar: o civil teria que contribuir por 40 anos e ter no mínimo 65 anos para homens e 62 para mulheres, já o militar contribuir com 35 anos, sem idade mínima; o civil que se aposentar por idade receberia 60% da média de seus salários, já o militar receberia 100% do que ganha na ativa; os militares ainda teriam paridade, isso é, os reformados receberiam todos os reajustes dos que estão na ativa, enquanto o civil sequer tem a garantia de reajuste de sua aposentadoria pela inflação.

Assim, a "economia" prevista com as mudanças propostas para os militares, de R\$ 97,3 bilhões em dez anos, segundo o governo, será quase anulada com a reestruturação das carreiras que custará R\$ 86,85 bilhões aos cofres públicos no mesmo período.

Massa na rua, repercussões na política

Oposição declara guerra à PEC 06, "centrão" manobra

Em 26 de março veio a público uma nota assinada por Haddad (PT), Boulos e Sonia Guajajara (PSOL), governador Flávio Dino (PCdoB-MA) e ex-governador Ricardo Coutinho (PSB-PB), com quatro pontos centrais: defesa da democracia, contra a entrega das riquezas nacionais, liberdade para Lula e contra a proposta de reforma da Previdência de Bolsonaro.

Sobre a Previdência, a nota declara: "Estamos atentos e mobilizados para evitar agudos retrocessos sociais, trazidos por esse projeto de Reforma da Previdência, centrado no regime de capitalização e no corte de direitos dos mais pobres". O que reforça a posição do PT e sua bancada federal de oposição global à PEC 06, recusando entrar no jogo de "melhorar" o que é inaceitável. (ver pág. 4)

"Centrão" tenta jogar uma isca

No mesmo dia 26, uma nota assi-

nada por líderes de 13 partidos, que contam com 291 votos na Câmara, do MDB ao Patriota, passando pelo DEM e PSDB (mas sem o PSL de Bolsonaro), se posiciona contra alterações no BPC (benefício ao idoso carente), na aposentadoria rural e também contra retirar da Constituição as regras da Previdência. Ao mesmo tempo esses líderes partidários afirmam que a reforma da Previdência é "importante e necessária".

A operação consiste em tirar os "bodes da sala" – BPC e aposentadoria rural – para tentar atrair a oposição para uma negociação sobre idade mínima, aumento do tempo de contribuição e redução dos benefícios. Manobra que deve ser recusada pelo PT, mas que não deixa de refletir a dificuldade do governo de conseguir os 308 votos necessários para a sua malfadada "reforma".

Greve já não aglutina as massas, Stédile?

No mesmo 22 de março em que as centrais sindicais puxaram um "esquenta" para uma greve geral que enterre a PEC 06 de Bolsonaro, foi divulgado o comunicado n° 24/2019 do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) com o título "Só a greve operária já não aglutina as massas".

O comunicado resume uma entrevista de João Pedro Stédile, líder histórico do MST, ao blog "Tutaméia", na qual ele aborda vários pontos (Lula Livre, Venezuela e outros), encabeçada pelo mesmo título. Nele podemos ler:

"Stédile lembra que, no passado, o 'reascenso era baseado no operariado industrial, no sindicato e no partido. Era quando o capitalismo industrial era o hegemônico. Agora é o capitalismo financeiro'".

Assim, declara: "A esquerda terá que ser mais criativa e desenvolver novas formas de organização. Só a greve operária já não aglutina mais as massas. A greve por si só não tem se revelado uma forma de se fazer o reascenso do movimento de massas. A esquerda precisa sentar, ter humildade e ser mais

criativa e ver outras formas: pela cultura, por outras manifestações de massas que possam peitar o governo, peitar o capitalismo".

Ora, se "a greve por si só" é ineficaz para o "reascenso", não é só o lugar do movimento sindical (e dos partidos, por tabela) que Stédile estaria colocando em questão, mas inclusive a preparação de uma greve geral para derrotar o desmanche da Previdência pretendido por Bolsonaro e o "mercado".

"Outras formas mais criativas" poderiam, é claro, ajudar na mobilização das massas. Mas, se existe a luta de classes - e ela existe, mesmo sob a hegemonia do capital financeiro, não é uma coisa do passado - a organização dos trabalhadores em seus sindicatos e partidos de classe é insubstituível na luta contra a exploração, bem como a greve é a sua maior arma para defender direitos e conquistas ameaçados, como é o caso da Previdência.

Parece que Stédile não escolheu o melhor momento para teorizar sobre a greve.

Guerra no Judiciário

Avalistas do golpe atacam-se mutuamente

“Cretinos, métodos de gangsters, gente desqualificada, covardes, gentilha despreparada, mafiosos membros de uma organização criminosa”... O leitor pode achar que são frases tiradas de alguma discussão de bar. Mas não. Na verdade, são algumas “qualificações” atribuídas pelo ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), Gilmar Mendes aos operadores da Lava-Jato, quando do julgamento que impediu que R\$ 2,5 bilhões da Petrobrás fossem destinados a uma ONG controlada por procuradores de Curitiba (ver abaixo).

Antes disso, no início do mês, o STF decidiu que os casos de corrupção que tenham conexão com crimes eleitorais devem ser julgados pela Justiça Eleitoral, saindo, portanto, da Lava-Jato, o que gerou uma reação

virulenta dos lava-jatistas.

Enquanto isso, no Senado, o senador governista do PPS-CE, Alessandro Vieira, buscava assinaturas para uma CPI, Lava Toga, para investigar juízes da suprema-corte. Ao mesmo tempo em que o STF abria investigação sobre “fake news” (notícias falsas) que atacam seus ministros nas redes sociais, que seriam alimentadas pelos procuradores curitibanos.

São episódios da crise entre o STF e a Lava-Jato, cuja rede de juízes e promotores trabalham articuladas nos Estados em vários níveis do judiciário.

Apreensivo, o presidente da ADPF (Associação Nacional de Delegados da Polícia Federal), Edivandir Paiva afirmou: “É uma crise atrás da outra e isso pode atrapalhar o planejamento que ele (Moro) tinha em mente”.

Enquanto batem boca e brigam entre si, o fato é que é esse Judiciário (STF, juízes e promotores da Lava Jato) mantém inviolável a porta que

encarcera, injustamente, Lula que acaba de ser indiciado em novo processo!

Laércio Barbosa

IMPUNIDADE PERMITE APOLOGIA DA DITADURA

Bolsonaro chama os militares a comemorar no dia 31 de março os 55 anos do golpe militar de 1964.

Isso só é possível porque que a lei da anistia brasileira, acolhida de bom grado pelo STF, anistiou, com as vítimas, os militares assassinos e torturadores.

Isso vem da “transição negociada” da ditadura para a “nova república”; e linha mestra na da Constituição de 1988. Diferentes como Argentina, Chile e Uruguai que julgaram e puniram os seus torturadores. Aqui, mesmo depois de apresentados os resultados da Comissão da Verdade, feita nos governos do PT, a lei de anistia não foi revista e é no quadro dessa mesma lei e protegidos pelas instituições também preservadas, que torturadores e seus apologistas como Bolsonaro, se dão o direito de comemorar o golpe.

Corruptos da Lava Jato a serviço dos EUA

Cai a máscara e eles buscam criar mais um espetáculo com novas prisões

O Líder do PT na Câmara, Paulo Pimenta, apresentou documentos comprovando a ilegalidade da criação de uma fundação privada para gerir R\$ 2,5 bilhões, oriundos de uma multa dada a Petrobras – por um acordo entre a empresa, a Lava Jato e o governo dos EUA.

O governo e a Justiça dos EUA acordaram com a Lava Jato (sem a anuência de qualquer autoridade brasileira competente) que, ao invés de pagar multa aos acionistas em Wall Street, a Petrobrás depositaria o dinheiro no Brasil numa fundação supostamente “voltada ao combate à corrupção”, e impunha à Petrobras (e sua diretoria aceitou) repasse de informações sigilosas e estratégicas.

Os procuradores da Lava-Jato prepararam-se para abocanhar o dinheiro, criando uma conta bancária a ser manipulada apenas por eles. Chegaram a abrir uma conta provisória (“conta gráfica”, movimentada apenas por ações judiciais) na Caixa Econômica, suspensa quando o escândalo veio a público.

Eles “cometeram crimes contra o interesse nacional” diz Pimenta num vídeo-denúncia produzido por seu mandato. Fizeram um acordo secreto com a anuência da juíza da Lava-Jato, Gabriela Hardt, por cima de seus superiores. Esta juíza que bancou a

falcatrua é a mesma que condenou Lula na questão do sítio, na famosa sentença “recorta e cola”.

EUA e indústria “anticorrupção”

O acordo segue a cartilha da “cooperação internacional anticorrupção” do Departamento de Justiça e de Estado (DoJ e DoS) dos EUA. Por elas, qualquer suposto “ato de corrupção” envolvendo dólar é passível de estar sob jurisdição dos EUA. O DoJ e o DoS montaram estratégias geopolíticas,

visando empresas de outros países de interesse estratégico estadunidense.

O roteiro, segundo o jornalista Luis Nassif, é o de uma indústria bilionária. Assim que algum fundo de investimento (“abutres”) apresenta denúncia nos EUA, o DoJ apresenta acordo de leniência, impondo multas bilionárias. “Termos de Ajustamento de Condutas” (promovidos por advogados de Wall Street, em cooperação com o DoJ) são negociados entre os denunciadores e os Ministérios Públicos de países de origem das empresas. Daí, desmontam-se os ativos da empresa visada.



Paulo Pimenta líder do PT na Câmara exhibe documentos que comprovam a ladroeira da turma da Lava Jato

LUTA EM DEFESA DA PETROBRAS

Depois do simbólico cartão vermelho recebido dos petroleiros, em reunião (20/3) com o Sindipetro/SP e a Federação Única dos Petroleiros (ver OT 843), diante do anúncio do fechamento do escritório da Petrobras em São Paulo, o gerente de pessoas, Cláudio Costa, voltou atrás e “esclareceu” que a empresa manterá uma sede na capital paulista, em local e com efetivo ainda indefinidos. Em uma 1ª. fase haverá postos de trabalho no regime de coworking. Depois será aberta a realocação para outras unidades no Estado (refinarias, terminais, etc) seguido de incentivo à demissão (PIDV). Casos especiais serão definidos em consenso.

Em assembleia realizada em 25 de março, ficou claro que ainda há ameaças de transferências compulsórias. Em alguns dias, a Petrobras deve apresentar ao Sindipetro números consolidados, com a real situação de todos empregados.

A Associação dos Engenheiros da Petrobras (AEPET), articula junto com o Sindipetro uma frente parlamentar, encabeçada pelo Dep. Federal Vicentinho (PT/SP) para, se necessário, arguir o Ministério de Minas e Energia sobre os estudos e a forma inconsequente na condução do processo.

Com esta política de desmonte da Petrobras, em São Paulo a empresa já está sem a malha de dutos, no futuro sem distribuição e refino, e com participação restrita na produção de petróleo.

A luta em defesa da Petrobras e seus trabalhadores é uma questão de defesa da soberania nacional.

Francisco Gonçalves e Souza

O caso brasileiro, porém, é único. Só aqui o Ministério Público, de “boa vontade”, fabricou e distribuiu provas e informações da empresa nacional aos “fundos abutres” dos EUA. E a Petrobras, como consequência da Lava Jato, já foi forçada a vender US\$23 bilhões de ativos, desintegrando a empresa, que agora vale muito menos. O governo pretende privatizar, ainda neste ano, as refinarias e fábricas de fertilizantes da Petrobras. Seu modelo prevê a criação de duas subsidiárias (Nordeste e Sul), para que, logo na

sequência sejam vendidas 60% das ações de ambas.

Mas o escândalo da Fundação bilionária da Lava-Jato, ajudou a desmoralizá-la ainda mais. Foi neste contexto que o lava-jatista juiz Bretas mandou arbitrariamente prender Temer e Moreira Franco. Tentaram gerar uma distração que mudasse o foco das atenções. Como de costume, criaram um factóide – com show na mídia – para mostrar serviço.

Alberto Handfas

Vassalagem explícita

Bolsonaro volta dos EUA com a língua calejada de tanto lamber as botas de Trump

A viagem de Bolsonaro aos Estados Unidos, com a vexaminosa idolatria prestada ao chefe Trump, representa um grave risco à nossa soberania nacional, com consequências também no continente e em relação ao cerco à Venezuela, roteiro cumprido depois no Chile com a criação do Prosul (ver abaixo).

A visita aos EUA expôs ao mundo o desqualificado capitão e sua turma. No jantar na residência oficial do embaixador brasileiro, Sérgio Amaral, anfitrião, mas mero coadjuvante, a estrela era o desprezível Olavo de

Carvalho, segundo o ministro Paulo Guedes, o "líder da revolução". "Revolução" explicada por Bolsonaro no jantar, ao afirmar que foi eleito "não para construir coisas para o povo, mas para desconstruir".

Na reunião privada com Trump, o ministro das relações Exteriores, Ernesto Araújo, ficou do lado de fora, mas o filho, Eduardo Bolsonaro, que comanda mais que o chanceler, entrou na conversa!

Fora da agenda Bolsonaro foi à CIA. Seu ministro Moro, foi encontrar-se com agentes do FBI.

Os porta-vozes da burguesia local, submissa ao imperialismo, esses que, contando com o Judiciário, foram responsáveis por conduzir o capitão ao Planalto, hipocritamente mostraram-se envergonhados, com editoriais e artigos ruborizados. Até o comentarista Marco Antonio Villa da Jovem Pan, "ícone" da mídia contra o PT, ultradireitista de quatro costados, vociferou contra Eduardo Bolsonaro: "você que põe o boné do Trump. Você é uma vergonha e não o brasileiro que vai lá trabalhar", referindo-se à declaração ofensiva contra imigrantes brasileiros nos EUA feita pelos Bolsonaros.

Entregando o país de bandeja

O fato concreto é que, desqualificado e cercado de iguais, Jair Bolsonaro demonstrou nesta viagem que tem pressa em servir a Trump, em detrimento dos interesses nacionais e do povo brasileiro.

Os acordos firmados, nenhum corresponde aos interesses do Brasil. Da flexibilização para a importação do trigo (dos EUA por suposto!), à supressão do visto para entrada de estadunidenses no Brasil, sem reciprocidade, em troca de nada Bolsonaro

satisfaz os desejos de Trump. Este por sua vez, prometeu em discurso a intenção de designar o Brasil como um aliado extra-OTAN. A Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), onde manda os EUA, é responsável, por exemplo, por ações militares como contra a Líbia que despedaçou o país.

A entrega da Base de Alcântara, que há duas décadas os EUA pressionavam, sem sucesso, foi dada de bandeja. O acordo firmado, segundo texto do Ministério das Relações Exteriores, prevê as "áreas restritas", em solo brasileiro, nas quais "o governo da República Federativa do Brasil somente permitirá acesso a pessoas

autorizadas pelo governo dos Estados Unidos da América".

No jantar inaugural da "tourné" nos EUA Bolsonaro disse que veio para desconstruir. Os acordos firmados, de fato vão no sentido de destruir o que temos de soberania. Se vai conseguir, são outros quinhentos!

Misa Boito



Bolsonaro foi entregar ao chefe a camisa da seleção e o país

LIMPE MEUS SAPATOS!

O site do jornal estadunidense, The Washington Post, sob o título "Vergonha: enquanto Bolsonaro visita Trump, brasileiros tuitam seu embaraço", registra:

Bolsonaro enfrentou nesta terça-feira uma tempestade no Tuite por parte de detratores locais, que foram às mídias sociais - a ferramenta que ajudou o ex-capitão de 63 anos a ser eleito no ano passado - a denunciá-lo por supostamente vender o maior país da América Latina.

Falando na Fox News, Bolsonaro fez a afirmação polêmica de que "a grande maioria dos imigrantes não tem boas intenções". A hashtag #BolsonaroEnvergonhaOBrasil foi um dos principais programas de mídia social do mundo. Em uma imagem menos que lisonjeira, Bolsonaro está de joelhos lambendo o sapato de Trump, sob a legenda 'Faça meus sapatos limpos novamente' (19/03)

O PT LUTARÁ!

Reunido nos dias 22 e 23 de março, O Diretório Nacional do PT (ver pag. 4), sobre a viagem de Bolsonaro, afirma: (trechos)

"O golpe do impeachment de 2016 teve como objetivo reverter essas conquistas [nos governos do PT], começando pela entrega do Pré-sal e o desmonte da Petrobrás.

Essa política antinacional foi aprofundada pelo governo Jair Bolsonaro, que humilhou o povo brasileiro esta semana em sua passagem pelos Estados Unidos, país ao qual presta subserviência canina. Os acordos assinados com o governo dos Estados Unidos entregam interesses estratégicos do Brasil em troca de nada.

Bolsonaro submete o Brasil aos interesses econômicos e políticos do governo de Donald Trump. Alia-se a ele no projeto de guerra na Venezuela, na disputa comercial com a China, na irresponsável transferência da embaixada do Brasil em Israel para Jerusalém.

O Partido dos Trabalhadores lutará no Congresso, no Judiciário e nas ruas contra todos os acordos assinados por Bolsonaro que prejudicam nosso país, entregam nossas riquezas e comprometem a paz. Bolsonaro não é dono do Brasil para entregá-lo aos Estados Unidos como se voltássemos aos tempos de colônia."

Prosul une governos reacionários em prol dos EUA

Com elogios a Pinochet, passagem pelo Chile é alvo de protestos

Depois dos EUA, o office boy de Trump foi ao Chile. Ali, em reunião com os governos títeres do imperialismo estadunidense no continente sul americano (da Argentina, Paraguai, Peru, Colômbia, Equador, Guiana, além de Brasil e Chile), foi criado o Foro para o Progresso da América do Sul (Prosul). Um Foro cujo objetivo é facilitar a liberalização das economias em particular para os EUA, e que nas palavras do presidente chileno, Piñera, é um bloco de "países democráticos que praticam o livre comércio", no qual um dos objetivos do novo acordo "é pressionar ainda mais a Venezuela".

"Persona non grata"

Não passou despercebida para setores populares chilenos a presença de Bolsonaro.

Do Chile, relata Luis Mesina, dirigente da Confederação Bancária e da campanha "NO + AFP", regime de aposentadoria por capitalização individual implementado na ditadura de Pinochet.

"Com fortes medidas de segurança, aterrissou no Chile Jair Bolsonaro, personagem sinistro e amplamente repudiado. Bolsonaro provocou a reação mais enérgica de diferentes movimentos sociais,

populares e dos trabalhadores organizados na campanha NO + AFP, que se mobilizaram em diferentes cidades do país para manifestar o rechaço a sua visita. Em todas as partes ele foi declarado 'persona non grata', [indesejada]. Em Santiago ocorreram manifestações durante toda sua permanência, fortemente reprimidas.

Bolsonaro agrediu brutalmente o povo chileno, quando declarou sua admiração por Pinochet. Repudiado pelas grandes maiorias do país, só a direita ultrarreacionária, os grandes investidores e Piñera o trataram como chefe de Estado."



Protestos em Santiago durante toda permanência de Bolsonaro no Chile

Sobre a independência do movimento operário nos EUA

Com uma poderosa central sindical, trabalhadores ainda não têm um partido próprio

Os trabalhadores dos Estados Unidos dispõem de uma poderosa central sindical, a AFL-CIO. Desde a fundação da 1ª Internacional, a questão do partido operário foi colocada. Algumas tentativas ocorreram, mas sem sucesso. Nos anos 1990, uma iniciativa sindical acabou por não constituir partido e se autodissolveu.

Algumas seitas de extrema esquerda lançam regularmente apelos por um Labor Party (partido dos trabalhadores): propaganda impotente, a imagem desses grupúsculos. Nos

EUA, a vida política é dominada pelo bipartidarismo: democratas e republicanos, dois partidos da classe capitalista. A AFL-CIO apóia os democratas.

Alguns sindicatos romperam essa política e recusaram-se a apoiar os democratas. Nas eleições primárias presidenciais, em 2015-2016, expressou-se uma rejeição às elites de Washington, que deu a vitória improvável a Trump, que atacou as elites do Partido Republicano - uma expressão da crise nos EUA. E, nas primárias democratas, houve o fenô-

meno Bernie Sanders, senador não membro do Partido Democrata que se pretende socialista (e não é). Ele se apresentou centrado na Seguridade Social, nos direitos econômicos e sociais, contra Hillary Clinton, representante da cúpula, e reuniu 16 milhões de votos, principalmente de jovens e sindicalistas.

Entre os seus apoios, havia a organização DSA (Socialistas Democratas da América), que não compõe o Partido Democrata, mas contribuiu nas primárias de Sanders. Com 55 mil aderentes, a

DSA não é um partido operário, é uma organização de esquerda com diferentes pontos de vista: alguns a favor de empurrar os Democratas à esquerda, outros favoráveis a se engajar de novo com Sanders, outros ainda a favor de se delimitar dos Democratas. Há uma intensa discussão dos problemas dos trabalhadores e da multiplicação de greves, muitas vitoriosas.

Lucien Gauthier

(resumido do jornal francês *Informações Operárias*, ed.545)

Com a palavra Dan La Botz, membro da DSA

“Em defesa da independência política do movimento socialista”

Fomos recebidos em Nova York por Dan La Botz, professor conhecido na esquerda, autor de várias obras sobre a história do movimento operário. Membro da DSA, expressa seu ponto de vista, como diz, sem sectarismo nem oportunismo, para avançar na via de uma representação política da classe operária, o que não é um slogan, mas um processo complexo e contraditório, para o qual pretendemos contribuir.

Quais são os principais desenvolvimentos da política do governo Trump?

O presidente Trump e o Partido Republicano continuam a empurrar o governo à direita, com ataques contra os trabalhadores, restrições ao direito de voto para negros, latinos, idosos e estudantes, bem como cortes nos programas sociais. As mulheres e crianças são muitas vezes as mais atingidas. Trump continua a enviar seus tuítes sexistas, na tentativa de manter sua base eleitoral branca - ricos, classe média e operária.

Ele e os republicanos começaram a atacar os democratas acusando-os de socialistas, e chamar a vencer o socialismo nos EUA. Essa poderia ser as premissas de um novo macarthismo.

A política autoritária e reacionária de Trump continua, entretanto, popular. Sua taxa de aprovação é 44%, grande parte graças à saúde da economia e às reduções de impostos (aos ricos). É possível que ganhe a próxima eleição presidencial.

Que fazem os democratas?

Os democratas ganharam maioria na Câmara nas eleições de meio-

-mandato e lançaram uma série de inquéritos sobre Trump. Eles, combinados com o do procurador especial, Robert Mueller, poderiam fornecer a base do impeachment de Trump na Câmara, mas é pouco provável que o Senado republicano o condene. A direção Democrata tentou calar os apelos pelo impeachment.

A campanha das primárias dos Democratas para a eleição presidencial de 2020 começou. 12 candidatos já se declararam, espera-se 20. Bernie Sanders lançou sua campanha, pronunciou-se a favor de uma série de reformas sociais: Medicare para todos (cobertura de saúde para as pessoas com mais de 65 anos de idade, por meio do qual o Estado assume os seus gastos de saúde - NdT), ensino superior gratuito, salário mínimo de 15 dólares-hora e um emprego para todo estadunidense. Sanders vai se confrontar à concorrência de democratas progressistas, principalmente mulheres, negros e latinos, que adotaram grande parte deste programa. Aos 77 anos, se eleito, será o mais velho presidente da história (idade conta). A direção Democrata acha Sanders muito radical e prefere candidatos mais moderados. As primárias serão terreno de luta entre o establishment neoliberal e os progressistas.

Aonde vai a DSA?

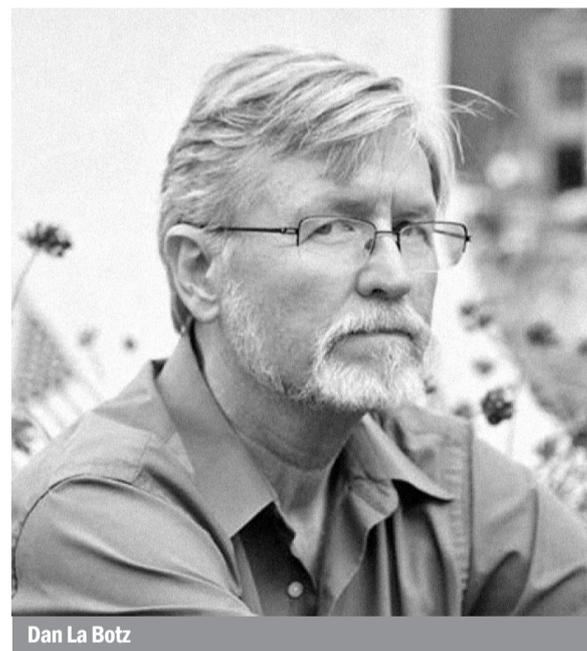
A DSA atingiu 55 mil membros, tornando-se a maior organização socialista desde os anos 40, quando o Partido Comunista tinha 100 mil membros e um milhão de simpatizantes (outras organizações não tem mais de mil aderentes).

A maior parte da DSA tem entre 25 e 35 anos, são da classe média e operária, geralmente homens e brancos, mas também negros, latinos e asiáticos. A composição de idade, etnia, gênero e classe é um indicador da capacidade de formar dirigentes eficazes, na sociedade diversa dos EUA.

A DSA se engaja em vários movimentos operários e sociais - de sindicalização e greves, de negros e latinos, mulheres e LGBT. A DSA apoiou, também, muitos candidatos, maioria Democratas nas eleições municipais, estaduais ou nacional.

Dois membros da DSA foram eleitos ao Congresso, Rashida Tlaib, muçulmana, e Alexandria Ocasio-Cortez, latina. Para eleger, a DSA trabalhou com certo número de progressistas democratas, maiores e mais influentes, como Our Revolution, MoveOn, Indivisible e Justice Democrats.

O congresso de 2019 da DSA é em agosto. A DSA tem vários comitês e tendências com visões diferentes, mesmo se a maior parte quer trabalhar no interior do Partido Democrata. Neste momento, a DSA debate o apoio à Bernie Sanders nas primárias. Sem dúvida, a maior parte votará a favor. De minha parte, penso que isso tende a implicar a DSA mais no Partido Democrata. Creio que a DSA deve defender o conceito de independência política do movimento socialista da classe operária. Bernie é um democrata da tendência “New Deal”.



Dan La Botz

Não é suficiente. Devemos martelar que socialismo é mais que isso: é o controle, pela classe operária, do governo e do conjunto da economia.

A DSA transformou-se não apenas na maior organização de esquerda, mas também na mais dinâmica. Os membros da DSA debatem todas as questões de política nacional e se interessam cada vez mais pela internacional. Ela se define aberta a todos os socialistas democratas, tem membros novíços em política, outros com ideias anarquistas ou socialistas, e progressistas. Os socialistas revolucionários têm um papel a desempenhar nesse debate, e, como sempre, é preciso aprender a navegar entre a Cila do oportunismo e a Carídis do sectarismo (na mitologia grega, dois monstros marinhos que, em lados opostos do estreito de Messina, no Mediterrâneo, ameaçavam os navegantes - NdT).

Palestina: Gaza é bombardeada às vésperas do Dia da Terra

Trump faz provocação no Golã e Bolsonaro vai visitar Netanyahu

Em 30 de março os palestinos dos territórios ocupados por Israel, dos campos de refugiados no Líbano, nas comunidades espalhadas pelo mundo e na Faixa de Gaza e Cisjordânia, fazem manifestações pelo seu Dia da Terra.

Essa data lembra o ocorrido em 30 de março de 1976, quando houve uma greve geral dos palestinos em cidades dentro das fronteiras de Israel contra o anúncio do governo sionista de expropriação de áreas na Galileia e outras regiões “por razões de segurança e para construir assentamentos de colônias judaicas”. O exército israelense reprimiu violentamente as manifestações e seis palestinos foram mortos na ocasião.

Neste ano, o Dia da Terra ganha contornos especiais, dado o anúncio feito por Donald Trump, durante visita de Benjamin Netanyahu aos Estados Unidos, de reconhecimento da soberania de Israel sobre as colinas de Golã – território sírio ocupado desde a guerra de 1973 – numa verdadeira provocação e para demonstrar apoio à reeleição do atual primeiro ministro de Israel, envolvido em escândalos de corrupção, nas eleições previstas para 9 de abril.

Netanyahu teve que voltar apressadamente para Israel, pois em 25 de março uma casa na periferia de Tel Aviv foi atingida por dois mís-



Bombardeio israelense contra a Faixa de Gaza na noite de 25 de março

seis lançados desde a Faixa de Gaza (território palestino governado pelo Hamas). Uma grande operação militar israelense foi montada, com duas divisões blindadas bloqueando Gaza, que foi bombardeada na noite de 25 para 26 de março.

As mobilizações de palestinos previstas para 30 de março, inclusive dentro das fronteiras do Estado de Israel, devem se intensificar e em vários países, inclusive no Brasil - cujo presidente Bolsonaro visitará Netanyahu entre 31 de março e 3 de abril -, a comunidade palestina fará mobilizações pelo Dia da Terra.

Horizonte de guerras

A política de Israel só oferece a perspectiva permanente de novas guerras no horizonte. E ela é apoiada por Trump, seguido por seu admirador Bolsonaro, inclusive nas declarações de que Jerusalém seria a “capital eterna” do Estado sionista.

Agora, ao reconhecer via Twitter que Golã é território de Israel, Trump joga mais lenha no fogo. Sim, pois a restituição à Síria das colinas de Golã foi sempre evocada em todos os “planos de paz” para a região nos últimos 40 anos.

É verdade que tais “planos de paz” só agravaram as condições de vida do povo palestino e aumentaram a política de

colonização israelense, mas o anúncio de Trump corresponde a uma reorientação da política dos EUA na região: reforçar a ajuda militar a Israel para tutelar as populações palestinas dos territórios ocupados desde 1967 e nos campos de refugiados exigir dos governos árabes, como as monarquias do Golfo, e da União Europeia que tomem em mãos o controle dos palestinos.

Nesse quadro, o reforço do controle militar de Israel sobre Golã visa diretamente a Síria, mas também o Líbano, além de responder à presença do Irã na Síria.

Mesmo sendo evidente a preferência de Trump por Netanyahu nas eleições israelenses de abril, o seu governo sabe que qualquer que seja o novo primeiro-ministro de Israel ele vai continuar com a mesma política e defender os interesses do imperialismo estadunidense no Oriente Médio, o que passa, em primeiro lugar, pela negativa ao direito do povo palestino – e de todos os povos da região – de constituir o seu próprio estado nacional e soberano, sobre a base do território histórico da Palestina.

É essa política do imperialismo e do Estado de Israel que mais uma vez será denunciada e combatida no Dia da Terra de 30 de março. Todo apoio à luta do povo palestino!

Lauro Fagundes

Novo apagão na Venezuela

Trump “exige” saída de militares russos do país

Novas sabotagens em hidrelétricas e torres de transmissão provocaram um novo apagão iniciado em 25 de março e que atingiu 17 dos 23 estados do país vizinho. No fechamento desta edição, o governo anunciava que a energia estava restabelecida na maior parte do território nacional.

Este novo apagão impediu que recebêssemos dos companheiros do Coletivo Trabalho e Juventude, aderente ao Acordo Internacional dos Trabalhadores e Povos, uma matéria que atualizasse a situação na Venezuela, como regularmente fazemos.

De todo o modo, os despachos das agências de notícias indicam que a situação segue difícil, embora o povo trabalhador venezuelano rechace a “guerra híbrida” promovida por Trump e seu mascote Guaidó e o cerco econômico montado pelos



23 de março, manifestantes saem às ruas de Caracas em apoio ao governo Maduro

EUA que provoca dificuldades e sofrimentos enormes para a população.

Do alto de sua arrogância e cinismo, Donald Trump, ao lado da esposa de Juan Guaidó na Casa Branca, exigiu que militares russos saiam da Venezuela e voltou a fazer ameaças de intervenção militar dos EUA.

“Rússia e Venezuela não são províncias dos EUA”

A resposta de Moscou foi contundente: “A Rússia não infringiu nada, nem os acordos internacionais, nem o Direito venezuelano. Ela não muda o equilíbrio de forças na região e não ameaça ninguém, diferentemente de Washington”,

disse a porta-voz do Ministério das Relações Exteriores, Maria Zakharova, agregando que se trata de uma “tentativa arrogante de ditar para Estados soberanos como têm de se relacionar entre eles. Nem Rússia nem Venezuela são províncias dos Estados Unidos”.

No front interno, Guaidó diz que o apagão é responsabilidade de Maduro e convocou mobilizações da oposição. Mas o seu crédito junto à própria oposição é baixo, com vários de seus setores o acusando de agente de uma intervenção militar dos EUA no país. O fato é que o “autoproclamado” não conseguiu emplacar nenhuma de suas decisões, como a de chamar uma greve de funcionários públicos que não ocorreu.

Assim, segue na ordem do dia a campanha internacional em defesa da soberania da Venezuela e de seu povo, sem ingerência externa dos EUA e seus aliados: Trump, tire as patas da Venezuela!

Argélia: um povo se levanta contra o regime

“Nós dissemos saiam, isso quer dizer, saiam!”

Cedendo a imensa pressão popular, o presidente da Argélia, Abdelaziz Bouteflika, de 82 anos, no cargo desde 1999, anunciou, em 11 de março, que não mais disputará um quinto mandato presidencial.

Seguiram-se dias de grande comemoração popular e determinação de continuar a luta pelo fim do regime. Em 15 de março, sexta-feira, dia da semana escolhido para as manifestações iniciadas em 22 de fevereiro - mais de dois milhões de pessoas ocuparam as ruas de Argel, capital do país, e outros milhões em todas as regiões. E sem nenhum ato de violência.

Milhões nas ruas, pacificamente

As principais palavras de ordem eram: “abaixo o regime!” “não ao prolongamento do quarto mandato!” Em Béjaïa e Argel, policiais juntaram-se aos manifestantes. De profundidade inédita, o movimento envolveu todo o povo. Em Tizi Ouzou, na Cabília (região autóctone às margens do mar Mediterrâneo, NdT), cento e cinquenta mil pessoas se manifestaram com uma maré de bandeiras argelinas e também, evidentemente, bandeiras berberes. Mas quando militantes do MAK – um grupelho provocador separatista que defende a ruptura da Cabília com a Argélia – entraram na passeata, foram expulsos pelos manifestantes que diziam: organizem sua própria manifestação! Unidade e soberania da Argélia!

Afrontando a vontade popular, na segunda-feira, 18 de março, a Presidência da República divulgou declaração reafirmando que Bouteflika continuaria no cargo até a realização de uma “conferência nacional” e a eleição de um novo presidente (leia no JOT 843). Na prática, isso significa uma gambiarra para prorrogar o mandato de Bouteflika e preservar o regime.

A resposta foi imediata. No dia seguinte, 19 de março, data nacional que celebra a independência da Argélia, em 1962, o “Dia da Vitória”, novamente as ruas de todo o país se encheram de manifestantes, com destaque para os estudantes e médicos com seus jalecos brancos.

“Fora o regime!” foi a palavra de ordem retomada maciçamente. Para o povo, esse regime, herança daqueles que confiscaram a revolução de 1962, deve terminar. Magistrados se reuniram para denunciar que a extensão do quarto mandato de Bouteflika violaria a Constituição.

O governo Macron, como os outros governos imperialistas, está aterrorizado com a situação. A crise do regime está aberta e se aprofunda. Formações políticas próximas ao poder e personalidades declaram agora apoio à mobilização popular.

A crise se aprofunda e manobras se multiplicam

A crise se desenvolve no próprio interior da Frente de Libertação Nacional - principal partido da coalisão governamental (NdT). Setenta dirigentes regionais pedem a demissão do secretário geral.

Enquanto isso o Primeiro Ministro recém empossado (em 11 de março) tenta, sem sucesso, substituir ministros para formar um novo governo a fim de preparar a dita “conferência nacional”, visando a atrair partidos, sindicatos, associações e personalidades para perpetuar o sistema vigente. O editorial do jornal Liberté assinala, a respeito: “Na impossibilidade de encontrar verdadeiros interlocutores, recorrem à clientela para servir de decoração a seu ‘monólogo’. Porque se trata de um monólogo, esse poder jamais aprendeu a ouvir o povo”.

Procurando sustentar propostas do regime, uma “Coordenação nacional para a mudança”, da qual fazem parte antigos dirigentes de partidos islâmicos, defende uma “transição democrática”. Em sua última declaração eles apelam ao exército.

O chefe do estado-maior, Gaïd Salah, muito virulento no começo das mobilizações, foi paulatinamente adotando posições mais conciliadoras em relação aos manifestantes. Em 18 de março declarou: “é necessário um senso aguçado de responsabilidade para fornecer soluções no momento propício (...)”. No momento propício...

Revolta na UGTA: por um congresso extraordinário

Apesar da política de sua direção, a União Geral dos Trabalhadores Argelinos, central histórica, continua a organizar os trabalhadores dos principais setores econômicos como o petróleo e gás, siderurgia, metalurgia, serviço público.

Seu secretário geral, Sidi Saïd, num primeiro momento defendeu o quinto mandato e depois apoiou as propostas de preservação do regime. Mas as instâncias sindicais de base - além dos sindicatos autônomos, que haviam saído na frente - tomaram posição em favor do movimento popular.

A poderosa Federação dos Trabalhadores do Petróleo e do Gás convocou greve. Na zona de Rouiba, grande área industrial no subúrbio de Argel, dois mil trabalhadores, em passeata, chamados pela UGTA local, exigiram “no prazo mais breve, um congresso extraordinário e a demissão do secretário nacional, Sidi Saïd”.

A UGTA do complexo industrial de Sider El Hadjar, em Annaba (leste do país), também se posicionou contra o secretário geral e por sua demissão.

A revolta contra a direção nacional da UGTA se aprofundou depois que,



Argel, 15 de março: na foto menor, manifestantes ocupam um prédio em construção e o batizam de “palácio do povo”

em 22 de março, pela quinta sexta-feira consecutiva, milhões saíram às ruas de todo o país.

As palavras de ordem foram ainda mais claras e precisas que nos atos precedentes. Responderam ao regime que se encastela no poder: “Nós dissemos saiam, isso quer dizer saiam”, “Fora todos!”.

Quanto mais o regime tenta resistir ao assalto das massas, quanto mais ele tergiversa e manobra para ganhar tempo, mais ele se afunda em sua crise.

Nas várias cidades e regiões do país os sindicatos locais, os dirigentes sindicais das regiões industriais mais importantes e dos principais setores da economia chamam a mudar a atual direção. Eles colocam no centro do seu combate a reapropriação de sua central sindical.

“Nenhum remendo do sistema é possível”

É nesta situação que o Partido dos Trabalhadores da Argélia reuniu sua direção e reafirmou que não é possível nenhuma reforma desse sistema político.

Em seu discurso de abertura, com a presença da imprensa, a secretária geral do PT, Louisa Hanoune, foi direta: “Não ao quinto mandato! Não ao prolongamento do quarto mandato! Saiam todos! Fora FLN! Fora o governo!”

E acrescentou: “A presidência da República deve anunciar a renúncia do presidente, a demissão do governo e a dissolução da Assembleia Nacional.”

Para o PT da Argélia, a única solução que corresponde às aspirações do povo é “a convocação de uma Assembleia Nacional Constituinte soberana, cuja única missão é a elaboração de

uma Constituição democrática, isto é, a definição da forma e do conteúdo das instituições necessárias para exercer sua plena soberania.”

E ela lançou um apelo: “O único caminho para a consagração da soberania do povo, para garantir a soberania nacional é a criação de comitês populares, agrupando todas as categorias da sociedade: estudantes, trabalhadores, aposentados e comerciantes.”

Correspondente

ÚLTIMA HORA

Em nota, o Partido dos Trabalhadores da Argélia comunica:

Com milhões nas ruas, a declaração do Chefe do Estado Maior, ontem, é uma perigosa ingerência militar.

A aplicação do artigo 102 (“Bouteflika se declare incapacitado”) implica manter o governo e as duas câmaras do parlamento, que a esmagadora maioria do povo quer que saiam, porque são ilegítimas. Busca-se salvar a continuidade do sistema.

A única saída é a maioria exercer sua soberania, e definir a forma e o conteúdo das instituições para satisfazer suas aspirações democráticas e sociais. Por isso, o PT chama a convocação da Assembleia Constituinte Nacional Soberana.

O PT não avalizará o confisco da vontade da maioria.

Por isso, o Birô Político do PT decidiu ontem (26/03), a demissão da sua bancada parlamentar na Assembleia Nacional.